

“O NADA” - UM PASSEIO PELA MASTURBAÇÃO FEMININA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA

*Cristiane Soares Campos Yokoyama*¹

“THE NOTHING” - A WALK THROUGH THE PERSPECTIVE OF FEMALE MASTURBATION HISTORY

Resumo: Vamos construir um passeio pela história com foco no que foi a masturbação feminina e como ela esta inserida na atualidade. Apesar de encontrarmos uma escassez literária em relação à masturbação feminina vamos analisar a posição da mulher nas sociedades ao longo da história para compreender o desenvolvimento da sua sexualidade.

Os diferentes significados encontrados para a masturbação apresentam em comum a expressiva conotação negativa, chegando até mesmo a proibição do ato sexual ou do ato de excitar os órgãos genitais masculinos. Historicamente a masturbação feminina não é falada ou é revelada por falas sublinhadas, por exemplo, na Grécia não se falava nesse assunto mas havia a venda do acessório para masturbação (chamado dildo). Percebemos que existia a masturbação. Homens e mulheres são iguais e diferentes em suas complexidades, cada um com seu desenvolvimento, sua vida, mas ambos possuem sexualidade e tem o direito de desenvolvê-la e exercê-la qualitativamente.

Palavras-chave: Mulher. Masturbação. História.

Abstract: Let's build a tour of the history that was focused on the female masturbation and how it is embedded in the present. Although we find a shortage of literature on female masturbation we examine the position of women in societies throughout history to understand the development of their sexuality. The different meanings found to have shared a masturbation expressive negative connotation, reaching even the prohibition of sexual act or the act to excite the male genital organs. Historically, the female masturbation is not spoken or is revealed by words highlighted, for example, Greece does not speak in this matter but was incidental to the sale of masturbation (called Dildo). I noticed that there was masturbation. Men and women are equal and different in their complexities, each with its development, its life, but both have sexuality and have the right to develop it and exercise it qualitatively.

Keywords: Women. Masturbation. History

¹ Psicóloga. Sexóloga. e-mail: cristiane21psi@yahoo.com.br

A origem da palavra masturbação é incerta, mas existem tendências que sinalizam para raízes latinas. O prefixo “*manus*” significa mão e “*stuprare*” que quer dizer profanar, sujar. Ainda, há outros diferentes radicais e significados atribuídos ao termo masturbação, como: “*mas*” que equivale a órgão sexual masculino e “*turbation*”, excitação.

No estudo sobre a origem da palavra já percebemos o direcionamento para o universo masculino e a exclusão do feminino. Como se somente no órgão sexual masculino fosse possível desenvolver o ato da masturbação.

A análise da história nos ajuda a compreender que a mulher teve reservado para ela o espaço da opressão e negação. A sexualidade feminina não tinha espaço nas sociedades onde os homens eram considerados como seres superiores, fortes, onipotentes e deuses.

Durante a antiguidade a masturbação era de certa forma aprovada como um dos meios de ganhar prazer, com exceção dos gregos e romanos que desestimulavam a masturbação masculina até a idade de 21 anos, pois acreditavam que seria prejudicial o desperdício do sêmen, considerado como energia vital para os homens realizarem a reprodução. De acordo com os mesopotâmicos, mesmo que a manipulação do pênis fosse feita pela mulher, o ato era tido como impuro (BULLOUGH, 1971, *apud* RODRIGUES JR., 1993, p. 91). Ambos só falavam da masturbação masculina.

A mulher assumiu seu espaço de segregação e anulou o contato do seu próprio corpo como se isso fosse desnecessário ou negativo. Na Grécia as mulheres não eram consideradas como cidadãs, ficavam em posição de inferioridade e sem direito a prazeres.

A negação de um espaço para a mulher existiu e persistiu durante muito tempo e hoje ainda constatamos que as mulheres ainda possuem muito espaço para se apropriar e a masturbação faz parte disso.

Evas, Marias E Liliths

Vamos nos ater um pouco sobre as primeiras representações dadas pela Bíblia como referencial de feminino. A forma como a mulher foi vista há séculos atrás respinga ainda hoje nos chamados tempos futuros.

Segundo a Bíblia, Eva foi a primeira mulher a viver na terra e foi concebida através de uma costela de Adão, o primeiro homem concebido por Deus, para se unir ao homem sendo sua companheira e servente para toda eternidade.

Eva é a representação da figura feminina, criada por Deus judaico-cristão, que sendo o maior poder entre tudo que existe, estabeleceu um padrão de conduta para a mulher. Entre elas: ser mulher do homem, ser companheira e auxiliar do homem, preservar o casamento, ser responsável pela felicidade do seu lar e cuidado com os filhos e marido.

Eva foi o primeiro modelo de submissão feminina que veio do homem e deveria viver para servi-lo e preservá-lo com fins de mantê-lo feliz.

“E Jeová Deus prossegue dizendo: ‘Não é bom que o homem continue só. Vou fazer-lhe uma ajudadora como complemento dele’. Ora Jeová deus estava formando do solo todo animal selvático do campo e todas às criaturas voadoras do céus (...). E da costela que havia tirado do homem, Jeová Deus passou a construir uma mulher e a trazê-la ao homem.” (BÍBLIA, Gênesis 2: 18-22, p.8)

De acordo com Paiva (1990), Eva seria a mulher geradora e responsável pela origem da vida, mas sempre através da figura masculina, Adão. Ela seria a mãe dos filhos do primeiro homem e teria dado início aos demais seres humanos depois do primeiro casal feito por Deus. Mas foi também essa mulher que traiu a confiança de Deus todo-poderoso e manipulou Adão a comer do fruto proibido.

A representação de Eva colocou a mulher como capaz de gerar vidas e de trair para satisfazer seu desejo. Mulher boa e má, servente, traiçoeira e pecadora. E por isso ela veio a sofrer com as dores que sentiria em cada parto de seus filhos para assim pagar pelo seu pecado de traição (Bíblia).

A tradição judaico-cristã é expressamente masculina, como nos mostra Boff (*apud* PAIVA, 1990, p.72), e nela o homem sempre está em posição de privilégio e salvação (Jesus, homem, foi

a salvação para os pecados da humanidade). Maria emerge como a mãe-*virgem* daquele que seria o próximo homem a ser divinizado, Jesus Cristo.

Maria foi mãe mesmo sendo *virgem*, ou seja, pura e livre dos pecados para poder gerar um filho puro que seria tido como filho de Deus todo poderoso. Depois do nascimento de Jesus Maria tornou-se impura gerando outros filhos de seu marido José, mas por ser mãe do filho de Deus manteve sua posição santificada perante os seguidores católicos.

Segundo a BÍBLIA (1986), Maria seria o exemplo positivo da mulher que é mãe geradora e fiel ao seu filho, cuidadora e com amor puro e sem vestígios de interesse. Maria permaneceu fiel ao seu filho Jesus e aos pés de sua cruz, sofreu por ele até o último minuto e estava ali pronta a atendê-lo.

Para Boff (*apud* PAIVA, 1990, p.71), a figura feminina de Maria seria a salvação para a representação da mulher. A plenitude da mulher estaria em Deus e não no varão homem, tanto que o filho de Deus veio dela e foi acolhido por essa mulher até sua morte, com dor e pranto.

Mesmo na posição da figura da mulher como Maria ainda se mantém a subordinação a essa figura maior, Jesus, e a uma vida em prol dessa figura masculina. A presença da mulher como inferiorização, subordinação e segundo plano é expressante. Então, a representação de poder em “Maria” é pela própria construção do papel o da devoção ao papel masculino.

“Mas a partir dos quatro Evangelhos apresentados no novo testamento só é possível sonhar com alguma valorização do feminino e da mulher. São Paulo modela as relações entre homem e mulher no casamento: ‘As mulheres casadas sejam submissas aos seus maridos como são ao Senhor. Pois o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam as mulheres submissas em tudo a seus maridos’ (5.22-24).” (PAIVA, 1990, p. 70)

Na tradição hebraica encontramos o mito de Lilith, figura feminina, a primeira mulher de Adão, antes de Eva, que foi expulsa por sua insubordinação ao homem Adão. Como ele teria ficado triste com isso, Eva aparece para tomar o lugar de primeira mulher. (PAIVA, 1990)

Lilith seria a pessoa igual a Adão; não tendo saído de sua costela foi criada mulher no nível de sua semelhança, assim como aconteceu com os demais animais criados em pares. Já haveria uma igualdade entre eles, ambos eram seres independentes e diferentes (macho e fêmea) entre si.

Para Sicuteri (*apud* PAIVA, 1991) Lilith foi removida da história durante o período de transposição da versão jeovística para a sacerdotal. Ela seria um mito arcaico que possuía a figura de um demônio, algo do mal e que por isso foi expulso, pois estava contra o que era pregado por Deus que só representava o amor.

Encontramos aí três representações iniciais do feminino: a Eva, geradora e pecadora, a Lilith, personificação do mal e a Maria, exemplo a ser seguido de amor e servidão.

Não encontramos na Bíblia relatos sobre a prática da masturbação feminina; o que há somente são ensinamentos de que a sexualidade estaria presa ao matrimônio e que o sexo teria fins procriativos. Lilith que era a mulher sexualizada, desejosa pela carne, que dormia com os demônios e se relacionava sexualmente com eles, foi a representação do maligno.

Segundo Reis (2008), A Bíblia contribuiu para a proibição do ato masturbatório na passagem em que Onan, foi condenado à morte por Deus, pelo fato de se recusar a desposar a esposa do irmão morto. Ele não concluiu o ato sexual em que era obrigado, para que o irmão morto tivesse um filho, pois possuía a consciência de que o filho seria dele e não do irmão, sendo assim, ejaculou fora da vagina (este foi o primeiro relato de coito interrompido dentro da história bíblica). A passagem ganhou a fama de masturbação, e o termo *Onanismo* passou a representá-la. Portanto, o pecado de Onan associou-se a masturbação masculina.

Caberia a mulher ser uma Eva sem a traição, ficar longe de uma Lilith mantendo-se apenas na positividade e formar-se como Maria sendo a eterna santificação de amor ao próximo e servidão ao homem.

A mulher na Grécia

Na Grécia as mulheres não eram comparadas aos homens, assumiam a posição social de esposas, concubinas e prostitutas. Ou viviam para servir o homem nos cuidados do lar ou para servir o homem para sua satisfação sexual. Ela não era considerada cidadã da sociedade.

Existia o consenso de que as mulheres, como seres inferiores, não possuíam a capacidade de raciocínio que o homem tinha. Eram irracionais, histéricas e obcecadas pelo sexo (esse considerado como dar prazer à figura masculina).

“Em Atenas, as mulheres não tinham mais direitos políticos e legais do que os escravos. Durante toda sua vida, eram sujeitas à autoridade absoluta de seu parente homem mais próximo. Não recebiam qualquer tipo de educação formal, eram condenadas a passar a maior parte do tempo nos aposentos destinados as mulheres...”(TANNAHILL,1983, p. 100)

Quando casadas, deveriam assumir postura sensata e casta, com habilidades para tecer, fiar e costurar, preparada para cuidar das necessidades do homem cidadão. A esposa precisava possuir a capacidade de gerenciar os empregados, ser econômica com o dinheiro e bens do marido e gerar filhos saudáveis. O sexo ganhava o espaço de reprodução para a mulher que assumia o papel da esposa.

Para a mulher-esposa, não existia espaço para o prazer sexual junto ao marido. Os homens esperavam que suas esposas fossem sexualmente frias, já que seu dever era somente gerar filhos e submeter-se ao marido. A esposa não tinha por obrigação dar satisfação sexual ao marido, pois esse ele poderia obter com as prostitutas. (SEIXAS, 1998, p.38)

A mulher cortesã de alto nível recebia o nome de *hetairas*. Eram mulheres bonitas, inteligentes e muitas vezes possuíam até conhecimento sobre literatura clássica. As hetairas começaram a ganhar influencia no mundo masculino, por serem bem sucedidas entre os homens, quando isso ocorreu houve um movimento de protesto dos homens contra a presença das mulheres na política.

Na escala social da Grécia as mulheres concubinas vinham abaixo das hetairas, mas pouco se sabe sobre essa classe. As concubinas jamais alcançavam a independência de uma hetaira nem a proteção legal de uma esposa. Se o homem, dono da concubina, desejasse vendê-la isso era totalmente permitido e aceito.

Também existiam as mulheres denominadas prostitutas de rua, era uma nova forma de ganhar clientes e foi muito desenvolvida nas cidades onde existia um intenso movimento de trânsito, como por exemplo, Corinto.

Tannahill (1983) nos mostra que era negado à mulher (de todas as escalas sociais) a possibilidade de ter autonomia, pois na sociedade elas eram consideradas como insuficientes

racionalmente sendo incapazes de lidar com as responsabilidades necessárias para se tornar um cidadão.

Na total desvalorização que os gregos posicionavam a mulher não havia preocupação com a sexualidade feminina. No conceito ateniense, ou a mulher tinha a serventia para ser uma boa esposa, cuidando de seu marido e gerando filhos para este, ou ela seria a prostituta, obcecada pelo sexo para gerar prazeres sexuais que os homens precisavam desfrutar e não tinham em casa.

Mas nem mesmo as prostitutas tinham o direito de ter prazer em sua vida sexual, elas eram servidoras sexuais dos homens. Não se falava em masturbação feminina como se falava da masculina na *Comédia Ática*². Na Grécia o assunto da masturbação era direcionado para os homens com mais de 21 anos, pois eles entendiam que somente após essa idade ela deveria ser praticada pelos homens.

Segundo Tannahill (1983), para os gregos a masturbação era como se fosse uma válvula de segurança em referência ao masculino, quando tratamos do feminino não encontramos muitos dados sobre essas informações, mas sabe-se que as mulheres faziam uso dos chamados “dildos” que era como denominavam os “consolos” (substitutos para o pênis) naquela época.

O dildo era usado pelas mulheres para suas próprias satisfações solitárias e também pelas “tribades”, forma como eram chamadas as mulheres homossexuais em Atenas. As tribades sofriam muito preconceito e muitas vezes os atenienses nem mesmo falavam o nome delas, como se não existisse mulheres homossexuais em Atenas. Para os homens atenienses o tribadismo era mais comum em Esparta.

De acordo com o pensamento de Aristóteles, a mulher não possuía a energia vital pelo fato de seus órgãos genitais corresponderem ao inverso dos órgãos genitais masculinos. Sendo assim, era considerada como um ser incompleto, imperfeito e biologicamente inferior em relação ao Homem.

² A comédia é um gênero literário da antiga Grécia. A tragédia e a comédia eram integrantes do teatro grego. O primeiro estágio da cena cômica denominava-se comédia ática e tinha como característica a parabase, ou seja, resumos declamados de forma cantada. A comédia retratava muito o universo masculino dos deuses.

Ser cidadão em Atenas significava ter status, prestígio, oportunidades econômicas e consciência de nobreza, isso tudo direcionado somente para os homens. As mulheres não podiam nem mesmo ter propriedades, pois não eram consideradas cidadãs. Elas não eram livres.

Idade Média

A Idade Média teve seu início com a queda do império romano e a figura da Igreja assumiu papel de autoridade inquestionável. O casamento foi declarado como um sacramento. Constituiu-se a idéia do pecado e a sexualidade foi bombardeada por esse conceito. Tudo não aprovado pela Igreja era pecado.

Com o advento do Cristianismo os conceitos sobre a sexualidade ganharam cunho proibitivo. O período foi influenciado pela moral judaica no tocante às relações entre os sexos, desenvolveu-se uma educação severa sobre as questões ligadas à sexualidade, tanto em seus aspectos práticos como teóricos.

“A moral sexual no cristianismo é particularmente rigorosa. Só tolera o prazer sexual dentro do contexto do matrimônio e dentro de uma normalidade basicamente de ordem biológica. Além do mais, tia área da sexualidade (e somente nesta área), não se admite pecado leve: toda procura intencional de prazer sexual, mesmo o mais leve, é logo tida como pecado mortal” (SNOEK, 1981, p. 110)

O padrão ético/moral desta época era imposto pelo cristianismo da Igreja Católica vista como inquestionável. A virtude de cada pessoa dependia de sua relação com Deus que era realizada através da Igreja. Nessa visão, todo ser humano era impulsionado para o mal. A sexualidade foi reprimida principalmente a feminina.

Os médicos e filósofos condenavam a masturbação sob o ponto de vista ético e moral, por entenderem que a ejaculação deveria ser somente direcionada para a reprodução. Os que tentassem buscar o prazer através do contato com seu próprio corpo eram considerados hereges pela Santa Inquisição. Sendo assim, seriam submetidos a julgamento e poderiam até ser queimados na fogueira, numa grande festa de purificação. Os padres acreditavam que o prazer obtido na masturbação constituía-se em estímulos advindos de demônios (COSTA, 1986).

O casamento era uma forte solução apresentada como forma de se evitar o prazer solitário. A solução estava na garantia de se ter uma família para segurar seus desejos carnis. Em relação à mulher, ela era ainda mais reprimida que o homem. Se o homem não podia praticar a masturbação que dirá a mulher que precisava ser pura.

As mulheres viveram momentos ambíguos durante o final da Idade Média. Ora eram consideradas santas, aquelas assexuadas e direcionadas a exercer o papel de mãe exemplar. Ora eram consideradas como prostitutas impuras e sexualizadas, mulheres que usavam o corpo para ganhar seu sustento e papel social.

Havia também a crença de que algumas mulheres eram bruxas, sendo capazes de cometer atos do mal, necessário assim o extermínio delas. Muitas mulheres sofreram torturas pela certeza de que elas dormiam e praticavam sexo com os demônios. A sexualidade era colocada do lado negativo.

Nessa sociedade onde o pecado, a culpa e as perseguições faziam parte da realidade social, a masturbação ficou sem ter espaço tanto no masculino como no feminino. Primeiro santificaram a mulher e depois a posicionaram ao lado dos demônios, como bruxas que deveriam receber a sentença da morte.

O Renascimento

Segundo Duby (1990), o renascimento marcou a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Surgiu na Itália, mas se desenvolveu em toda a Europa Ocidental. Nesse meio, a mulher era considerada como objeto de reprodução e como dona de casa. Ela não possuía o poder de expressar suas idéias.

Durante o Renascimento a Igreja tinha baixa reputação, os padres não praticavam o celibato e alguns até tinham filhos ilegítimos. As famílias eram detentoras de dinheiro e poder e financiavam as artes.

A arte ganhou espaço na sociedade e era desenvolvida de forma sensual, mostra-se o corpo humano. O sexo era aberto e desfrutado. A prostituição se sobressaiu e existiam prostitutas influentes que exerciam poder através de seus clientes. Apesar de toda nudez das expressões artísticas as mulheres não tinham liberdade sexual.

O nu feminino e a exposição sexual que se via nas artes não correspondia a uma liberdade sexual para as mulheres. Elas continuavam sem espaço para serem livres em relação a sua posição e liberdade sexual. Mesmo com aumento da prostituição feminina, não existia na sociedade uma discussão sobre o papel da mulher.

O artista renascentista usava muito o colorido e colocava delicadeza e beleza nas formas retratadas. Nessa época, iniciou-se a literatura com os trovadores.

Houve o surgimento da sífilis e com ela uma tentativa de repressão a prostituição, porém foi em vão, pois esta estava fortalecida. O sexo estava associado à promiscuidade e envolto do poder já que as prostitutas usavam sua posição para negociar dentro da sociedade (DUBY, 1990).

Com a Reforma protestante aconteceu o perdão aos pecados e a garantia de ter como recompensa a morada no céu quando o indivíduo se arrependia dos seus pecados e servia a Deus através de ajudas financeiras.

Na contra-reforma, o casamento foi reafirmado como indissolúvel e sagrado indo contra a pregação dos protestantes. Era uma forma de trazer novamente à tona as questões da Igreja Católica. A ética protestante dá importância ao trabalho, simplicidade sem luxo e a doação. O trabalho é visto como uma dádiva de Deus.

Apesar da desenvoltura nas artes em relação à demonstração dos corpos e da sensualidade, não encontramos declarações em relação à masturbação feminina e a importância da sexualidade feminina. O que há é um aumento e fortalecimento das prostitutas que estavam ali para dar prazer aos homens.

Idade Moderna

Na Idade Moderna, a masturbação foi amplamente reprimida, principalmente na literatura e nas escolas. Diferentes autores da época ressaltavam os efeitos deletérios e malignos da masturbação, destacando que poderia provocar diferentes transtornos, tais como: impotência, epilepsia, cegueira, loucura e até mesmo a morte.

O combate à masturbação acontecia de forma severa e rígida, tendo como base a religião e o sentimento de culpa. Algumas recomendações foram fomentadas para inibir o desejo sexual,

entre elas: dietas rigorosas, proibindo ingestão de peixe, álcool, café e carne, além da não permissão ao uso de roupas apertadas que eram consideradas inadequadas.

Houve uma disseminação de diferentes mitos sobre a masturbação todos no sentido de extirpar o ato da sociedade, considerando como nocivo, sempre direcionando a um comportamento masculino.

Na Idade Moderna o desperdício do sêmen, além de ser pecaminoso, foi considerado como causa de doença mental e foi a época que realmente se teve consolidada a associação da masturbação com pecado e insanidade. Reprimido para o homem e desconsiderado para a mulher.

No meio de culpas e pecados o casamento era uma forte solução apresentada como forma de se evitar o prazer solitário da masturbação. Os homens deviam buscar uma esposa para assim garantir que não ficaram suscetíveis ao pecado da masturbação. E as mulheres assumiam a posição inferior de serem totalmente dependentes de seus maridos, soberanos e dono da palavra.

De acordo com Philippe Áries (1981), podemos confirmar o lugar de submissão ocupado pelas mulheres através da educação direcionada a este público. As mulheres somente recebiam uma educação direcionada para a aprendizagem doméstica, como se fosse necessário somente o aprendizado de cuidados do lar, ficando assim marcada a servir os homens.

Século XIX e XX

Nos anos de 1890 até 1930, a medicina assumiu a posição de disciplinar a sociedade, como se os médicos sanitaristas possuíssem o direito de ordenar a sexualidade e os prazeres dos homens e mulheres. Às mulheres ficavam restritas ao cuidado com a saúde e bem estar da família e os homens tinham o direito de gozar dos prazeres sexuais e estavam voltados a esfera pública. A política e a ciência eram representadas pela medicina, produzindo verdades, onde as mulheres ficavam restritas e limitadas (MATOS, 2004).

Segundo Rodrigues Jr (1993), a partir do século XIX, as meninas passaram a receber uma cirurgia que consistia em cortar e costurar os lábios vaginais deixando apenas um pequeno orifício para a saída da urina e da menstruação. Esse procedimento recebia o nome de

infibulação. Não existia espaço para prazer e toque em seu próprio corpo, o que importava era a mulher se manter pura e sem pecado.

Através dos estudos psicanalíticos de Freud, iniciou-se um processo de reconhecimento dos aspectos positivos em relação à masturbação. A intitulada auto-exploração do corpo durante a fase da infância, tanto para as meninas ou meninos, passou a ser compreendida como necessária para uma adequada evolução da personalidade do sujeito.

Segundo as idéias de Freud em 1895, a masturbação provocava neurastenia e efeitos indesejáveis inclusive com alterações orgânicas permanentes no corpo (PEREIRA, 1980 *apud* RODRIGUES JR., 1993, p.46). Apesar de Freud admitir a atividade masturbatória, acreditava que a masturbação pelo clitóris acarretaria uma anorgasmia vaginal no futuro da vida adulta na mulher, mantendo-se presa na fase infantil e sem desenvolver a sua maturidade sexual. Posteriormente, o próprio Freud reconheceu a inadequação de sua postura e reformulou essa idéia contribuindo que a masturbação era não só positiva como também necessária no processo evolutivo. (RODRIGUES JR., 1993; WELLS, 1944).

Depois da reformulação sobre os aspectos positivos da masturbação elaborada por Freud, outros estudiosos, como Holt, demonstraram que a sua prática era nociva sob algumas condições especiais, como exemplo, em situações de ansiedade e culpa, canalizando assim para um ato patológico. De acordo com Reich, a culpabilidade neurótica na masturbação é inerente ao próprio indivíduo e tem relação com o desenvolvimento de sua história de vida (COSTA, 1986). Para Wells (1944), o ato do indivíduo tocar e acariciar o seu próprio órgão genital faz parte de um comportamento inerente ao ser humano, existentes na história de todas as culturas, sendo assim um processo natural no contato do indivíduo com seu próprio corpo.

COSTA (1986) ainda refere que a durante o período da infância do indivíduo o contato com seus órgãos genitais possuem apenas um envolvimento com o crescimento e desenvolvimento físico e psíquico, sem teor prazeroso; já durante a fase da adolescência e vida adulta há a busca pelo prazer através desse contato, onde denominamos de masturbação.

A primeira fase de contato com os órgãos genitais integra o desenvolvimento psiconeurológico da criança, permitindo o conhecimento sobre seu próprio corpo. A segunda fase é de

reconhecimento, dadas às modificações corporais que acontecem na puberdade somado a constatação da localização do prazer. A masturbação na vida adulta, nas últimas décadas é reconhecidamente uma prática sexual normal realizada por indivíduos de ambos os sexos, conforme apontam diferentes autores (RODRIGUES JR., 1993; HITE, 1980; COSTA, 1986).

Segundo Costa (1986), as mulheres se masturbam menos do que os homens e possuem maiores dificuldades em relatar e assumir o prazer obtido através da masturbação. Esse fato acontece principalmente devido a influências culturais, pois aprendemos que a mulher deve reprimir sua sexualidade enquanto o homem deve exacerbá-la.

Kinsey et al. (1984) foram os pioneiros das descobertas acerca dos primeiros fatos reais sobre a prática da masturbação. Constataram que homens realizam-na com maior frequência e com início em torno dos 12 anos, decrescendo a partir dos 20 anos; enquanto as meninas iniciam-se em geral após os 20 anos e apresentam maior intensidade dessa atividade na fase da vida adulta.

Na década de 70, entretanto, outras pesquisas apontaram que a disparidade da frequência de masturbação entre o sexo masculino e feminino, parecia se igualar. Segundo Kinsey et al. (1954) as investigações de Morten Hunt e do Redbook indicaram o início mais precoce, percorrendo um período mais longo e praticado igualmente por pessoas adultas do sexo masculino e feminino.

Conforme Carrera (1981, p. 435) *“somente a devoção religiosa é que continua a inibir significativamente a masturbação. Os católicos devotos, os protestantes fundamentalistas e os judeus ortodoxos são masturbadores menos ativos do que os homens e mulheres não religiosos ou menos religiosos”*.

De acordo com a pesquisa de Hite (1980) 82% das mulheres se masturbam e 96% das mesmas atingem o orgasmo com regularidade. O auto-erotismo passou a ser mais bem aceito, existindo um maior investimento em relação a essa temática, além do reconhecimento da importância da masturbação em tratamentos de disfunções sexuais, no contato da mulher com seu próprio corpo e no conhecimento sobre esse e na melhora da vida sexual como um todo.

Percebemos como as mulheres do século XX ganharam a chance de poder olhar a masturbação como algo que também pertence a elas diferente de suas ancestrais atenienses, ou da própria Eva, que tinham que manter suas vidas presas na inferioridade.

Considerações finais

Ao analisarmos sobre o desenvolvimento da masturbação feminina ao longo da história percebemos como ela ficou reprimida e escondida chegando a gerar até uma dificuldade nas pesquisas sobre essa temática.

A história demarca que a Mulher, desde os templos bíblicos, estacionou em uma postura de segregação e esteve dentro dela durante muitos anos. Após os movimentos feministas, a mulher começou em sua luta para poder ganhar espaço dentro de um meio social que apenas a reservava a inferioridade.

Pensar na sexualidade feminina em momentos onde a mulher nem mesmo poderia ter o poder da palavra, era irreal. A sexualidade da mulher não era considerada e ainda hoje ela é envolvida de medos, dúvidas e inibições.

Atualmente, já sabemos que a masturbação não causa doenças e nem prejuízos, mas mesmo assim é comum ouvirmos alertas de que se alguém se masturbar pode sofrer algo ou até mesmo não ter um bom desempenho sexual.

Muitas mulheres, mesmo no século XXI, ainda não se permitem falar sobre a temática masturbação e para elas ainda é um tabu olhar para esse corpo, tocar nele e obter seu prazer com ele. O ato masturbatório pode até acontecer, mas dentro de um quarto trancado e mantido em segredo.

Os papéis de Evas, Marias e Liliths ainda existem por aí e muitas vezes são marcantes, principalmente dentro de algumas religiões. Ainda nos deparamos com a mulher na posição inferior tendo a bíblia como referência.

Construir um passeio pela história, sobre a masturbação, nos coloca de frente para a impossibilidade que a mulher vivenciou ao longo dos anos por não poder falar sobre si e seu corpo.

No início, a masturbação era considerada como um ato praticado apenas pelo sexo masculino; com o decorrer do tempo admitiu-se também que as mulheres a praticavam e a esta foram atribuídos alguns sinônimos, algumas vezes usados de forma pejorativa, entre eles: siririca, dedilhar o violão, etc.

A sexualidade feminina ficou no espaço da falta da palavra, da falta de prazer e do não reconhecimento do que deveria ser encarado como algo natural de todo ser humano, independente de ser homem ou mulher. Todos os seres humanos possuem uma sexualidade assim como possuem sua aparelhagem lingüística.

Mas se tratando de masturbação, esse ato que foi encarado muitas vezes como pecaminoso sendo proibido até mesmo aos homens, seres considerados melhores e superiores, quiçá para mulheres que não possuíam sexualidade para si, somente havia a serventia para o homem praticar suas necessidades sexuais usando as mulheres como objeto.

O sentido e a interpretação da noção de masturbação ampliaram-se no decorrer do século XX, nessa viagem pela história a masturbação recebe diversificadas conotações, no entanto, a maioria enfatizava que os órgãos sexuais deveriam ser utilizados apenas com objetivo reprodutiva, nunca como meio de obtenção do prazer.

A masturbação ganhou espaço de forma positiva quando a medicina relatou que ela não era causadora de malefícios e doenças, e isso é bem recente. Mesmo na época em que algumas sociedades permitiam a libertinagem sexual, onde o sexo era praticado livremente, não havia a preocupação com os prazeres femininos.

A mulher está em processo de descoberta de seu espaço, seu corpo, seu prazer e a história reforça a realidade de que ainda hoje muitos tabus precisam ser vencidos para que daqui a alguns anos, séculos ou milênios possamos descrever o passado e relatar que a masturbação feminina é um assunto claro, sem tabus e contados aos quatros cantos.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. **Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. São Paulo: Editora Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986.
- CARRERA, M. **Sexo**. São Paulo: Editora Record, 1981.
- COSTA, M. **Sexualidade na Adolescência – dilemas e crescimento**. Porto Alegre: L & PR, 1986.
- DUBY, G., PERROT, M. (dir.) **História das Mulheres: a Idade Média**. Porto: Afrontamento, 1990.
- FREUD, S. **Os três ensaios sobre a sexualidade – Obras Completas 24(7)**. Ed. Imago, 1976.
- HITE, S. **O Relatório Hite**. 10 edição. Editora Difel, 1980.
- KINSEY, A. C. (et al). **Conduta Sexual da Mulher**. Rio de Janeiro: livraria Ateneu, 1984.
- LOPES, J. E. M. **Enciclopédia do Sexo**. Três volumes. Rio de Janeiro: Companhia Editora Civilux, 1968.
- MATOS, M. I. S. O corpo feminino em debate. **Revista Estudos Feministas**. vol.12,n.02, p.15-23. Florianópolis. Maio-Agosto. 2004.
- PAIVA, V. **Evas, Marias e Lilhts... as voltas do feminino**. São Paulo: editora Brasiliense, 1990.
- PEREIRA, F. A. **Moderna Enciclopédia Sexual – três volumes**. São Paulo: Editora Libra Empresa Editorial, 1980.
- REIS, C. dos. Masturbação Feminina. **Net**, Rio de Janeiro, maio.2008. Disponível em: [http://www.mulher.com.br/masturbação e historia](http://www.mulher.com.br/masturbação_e_historia). Acesso em 18 Maio 2008.
- RODRIGUES Jr. **Cem dúvidas sobre sexo**. São Paulo: Ed. Gente, 1993.
- SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade Feminina. História, cultura, família, personalidade e psicodrama**. São Paulo: Editora SENAC,1998.
- SNOEK, J. **Ensaio de ética sexual**. São Paulo: Editora Paulinas, 1981.
- TANNAHILL, R. **O sexo na história**. Tradução Luisa Ibanez. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- WELLS, H. **O sexo e a vida**. Editora José Olimpo, 1944.